

BERLINFIEBER – WOLF VOSTELL / 1973

“FEBRE DE BERLIM – WOLF VOSTELL”

um filme de ULRIKE OTTINGER

Realização, Argumento, Fotografia, Produção: Ulrike Ottinger *Performer:* Wolf Vostell (RFA, 1973) *Cópia:* DCP, cor, versão original, legendada electronicamente em português e inglês, 11 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* 17 de Novembro de 2003 (“Ulrike Ottinger”), com LAOKOON & SOHNE (Ottinger, 1972-73).

ALOHA / 2016

um filme de ULRIKE OTTINGER

Realização, Argumento: Ulrik Ottinger *Montagem:* Stanislav Milkowski *Excertos e material não montado de* TABU (F.W. Murnau, 1931) *Excertos de* INSEL DES DAMONEN (F. Dalsheim, 1933), BETORUNG DER BLAUEN MATROSEN, MADAME X – EINE ABSOLUTE HERRSCHERIN, DORIAN GRAY IM SPIEGEL DER BOULEVARDPRESSE (Ottinger, 1975, 1977, 1984) *Fotografias:* Deutsche Kinemathek, Archiv Ulrike Ottinger *Produção:* Ulrik Ottinger (Alemanha, 2016) *Coordenação de produção:* Kathe Manzke *Cópia:* Blu ray, preto-e-branco e cor, versão original, legendada electronicamente em português e inglês, 25 minutos *Estreia:* 24 de Outubro de 2016, Lenbachhaus Munique, como parte da exposição “Friedrich Wilhelm Murnau – Eine Hommage” *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

DIE BETÖRUNG DER BLAUEN MATROSEN / 1975

“O FEITIÇO DOS MARINHEIROS AZUIS”

um filme de ULRIKE OTTINGER e TABEA BLUMENSCHIE

Realização, Argumento: Ulrike Ottinger, Tabea Blumenschein *Fotografia:* Ulrike Ottinger *Montagem:* Helmut Wietz *Guarda-Roupa, Caracterização:* Tabea Blumenschein *Interpretação:* Valeska Gert (velho pássaro), Tabea Blumenschein (sirena, jovem pássaro, rapariga havaiana), Rosa von Praunheim (marinheiro), Barry Tannenbaum (marinheiro), Jean Matelot (marinheiro, mãe russa do filme mudo), Wally Busch (estrela americana), Peggy von Schnottgenberg (deusa grega), Ulrike Ottinger (ninfa do romantismo alemão), Itti Janz, Rolf Gärtner, Andreas Kelling *Produção:* Helmut Wietz (RFA, 1975) *Cópia:* DCP, cor, versão original, legendada electronicamente em português e inglês, 49 minutos *Estreia:* 25 de Outubro de 1975, cinema Bali (Berlim) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca:* 18 de Novembro de 2003 (“Ulrike Ottinger”), com SUPERBIA (Ottinger, 1986).

NOTA esta “folha” recupera textos originalmente escritos em 2003 por ocasião da passagem dos primeiro e terceiro filmes da sessão em 2003, no contexto da retrospectiva então dedicada pela Cinemateca à realizadora alemã | **COM A PRESENÇA DE ULRIKE OTTINGER**

Ottinger foi (é) alguém que se aproximou do cinema enquanto médium contíguo (ou possivelmente contíguo) de outras artes e de outros modos de expressão, e é indubitável, perante estes filmes, pensar que o trabalho sobre essa contiguidade (a sua criação ou a sua exploração) se assumiu, pelo menos nesta fase inicial, como uma das preocupações fundamentais da cineasta alemã.

É no primeiro filme da sessão que essa contiguidade se oferece de modo mais límpido, uma vez que *Berlinfieber* é uma espécie de relato/documento de um “happening” criado pelo artista alemão Wolf Vostell (1932-1998). Na sua simplicidade digna quase de um “home movie”, *Berlinfieber* tenta enquadrar o próprio significado da expressão “happening” – um acontecimento, ou seja, qualquer coisa que exige a produção de uma interacção, sendo a obra, mais do que o motor dessa interacção, o seu produto. Será essa propriedade genuinamente documental – e não temos razões para acreditar que Ottinger pretendesse mais do que uma lógica de “registro” – o motivo que mais facilmente se destaca como interesse principal de *Berlinfieber*.

A originalidade do cinema de Ulrike Ottinger destaca-se na Alemanha dos anos 70 do século XX, quando Ottinger começa a filmar vinda de outras áreas artísticas, com acento na pintura, fotografia e performance, cujas influências e rastros também desde logo assumem a marca distintiva do seu trabalho: Ottinger começara o seu percurso artístico em Paris, tendo regressado em finais dos anos 60 à Alemanha, onde além de fundar um cineclub (o filmclub visuell), uma galeria e editora (a galeriepress), realiza os primeiros filmes, *Berlinfieber* e *Laokon & Söhne. Die Betörung der Blauen Matrosen*, ou “*O Feitiço dos Marinheiros Azuis*”, é o seu terceiro trabalho cinematográfico. À semelhança dos primeiros, filia-se no movimento underground da cultura berlinense da época, tão inconformista como delirante, solicitando uma forte liberdade formal. Partindo do conceito de colagem, o filme constrói-se numa mistura de referências poéticas e plásticas heterogéneas que criam poderosos efeitos visuais e associações de ideias alimentadas pela conjugação expressionista da composição dos planos, dos cenários (também eles comandados pela noção de composição), da caracterização das personagens filmadas.

Favorecendo o ponto declarado de partida uma reflexão em torno da fatalidade e da sobrevivência, as personagens desdobram-se em presenças recorrentes como a do vulto mítico que, com cantos de sereia, atravessa o filme numa paisagem de deserto, um pássaro, um marinheiro, por sua vez vítimas das “garras” selvagens da jovem havaiana. Num dos papéis compostos sob a direcção de Ottinger, esta é interpretada por Tabea Blumenschein, cujo canto seduz os “marinheiros azuis”, um dos quais Rosa von Praunheim, um nome da mesma geração da realizadora, que convivem no elenco com Valeska Gert, actriz que “representa” uma geração anterior do cinema alemão.

No alinhamento da sessão, o também performativo *Aloha* surge entre os dois trabalhos dos anos 1970, revisitando o icónico (último) filme de Murnau rodado no Taiti com a contributo de Flaherty ainda o cinema era mudo – *Tabu. Uma história dos mares do Sul* estreia em 1931, quatro anos depois da chegada do sonoro. Apresentado pela primeira vez como uma peça da exposição “Friedrich Wilhelm Murnau – Eine Hommage”, trata-se de um dos mais recentes trabalhos de Ottinger. Evocando o título integral de *Tabu*, *Aloha* verte-se como “uma palavra mágica dos mares do Sul” indicando um termo de saudação (“olá”, “adeus”, “viva”) de sentido cultural mais profundo e que combinado com outras palavras muda potencialmente de significado, podendo exprimir afecto, amor ou compaixão. O texto de apresentação de *Aloha* disponibilizado por Ottinger na sua página electrónica, sublinha o poder exercido pelo chamamento cultural seguido pelos pintores Paul Gauguin, Max Pechstein, Emil Nolde, Henri Matisse, Walter Spies, pela etnóloga Margaret Mead e pelos realizadores Robert Flaherty e F.W. Murnau – “a amplitude da palavra corresponde ao desenho artístico multi-facetado com o qual músicos, escritores, cientistas, pintores e cineastas tentaram captar a cultura variada dos Mares do Sul. Todos eles regressam à fértil origem das culturas locais nas quais a dança e a música, a escultura e a pintura, e mesmo o trabalho de verga utilizados na vida quotidiana servem de oferenda aos antepassados e deuses protectores”.

O diálogo artístico proposto por *Aloha* reconhece gestos e obras passados ao mesmo tempo que implica o seu prolongamento ligando Ottinger a Murnau através da matéria dos respectivos filmes. A montagem de imagens fotográficas e excertos filmados, mas não utilizados, de *Tabu* com material de alguns dos filmes da realizadora expõe abertamente esse diálogo, alinhando o trabalho de investigação “de arquivo” com uma sua interrogação lúdica.

Maria João Madeira